

Intervenção da Ministra da Cultura, Graça Fonseca, no 45º aniversário da libertação dos presos políticos da Fortaleza de Peniche

[Vale a versão lida]

O futuro Museu da Resistência e da Liberdade dá aqui os seus primeiros passos e o lugar não é um acaso. Se a história desta Fortaleza é grande e se confunde com a história político-marítima de Portugal, essa história agiganta-se tanto mais pelo facto de entre 1934 e 1974 este lugar ter sido símbolo de uma violência que ainda crava fundo na memória de muitos.

Foi uma prisão. Uma prisão política, não esqueçamos.

Símbolo maior do combate e da resistência ao fascismo. Da luta que resiste, da luta de cada um, feita por isso luta de todos nós. Não passada apenas, mas essencialmente futura. A luta que urge continuar todos os dias, cada dia.

Há 45 anos que se esperava que a este lugar fosse dado o devido destaque na memória futura de repetidas gerações. O futuro que aqui se foi construindo, noite após noite, e fuga após fuga, mas também esperança após esperança, é o futuro ao qual temos o dever coletivo de estar à altura.

O que agora inauguramos é um processo em contínua construção, como contínua é a defesa da liberdade e dos valores que Abril nos ensinou.

Por isso, pelas muitas formas de resistência e pela liberdade que tantos defenderam, os passos que iremos dar juntos até à inauguração do Museu da Resistência e da Liberdade, que desejamos que seja em 2020, são os passos justos e necessários para uma dívida de gratidão que é de todos e que nunca, na verdade, poderemos na totalidade liquidar. É a dívida da liberdade. É a dívida da democracia.

Quisemos todos, e fomos muitos, que aqui nascesse, por isso, um memorial que nos impeça de esquecer, mas que seja, ao mesmo tempo, uma aula de história para quando o tempo nos ultrapassar, restando apenas as fotografias, os desenhos e as histórias contadas.

Um museu é isso, um museu vivo, feito de memórias e lembranças, mas também apostado na construção permanente do futuro. Um museu que, como esta fortaleza, seja, ao longo da sua existência, testemunho vivo do que aqui se passou.

Os 2510 nomes que agora todos podem ler são também as histórias dos filhos, das mães, dos pais e de todos os familiares e amigos cujas vidas foram afetadas e transformadas para sempre. Uma homenagem aos que aqui estiveram presos, mas, também, uma homenagem à memória de um povo e de um país.

Por isso quisemos que fosse um museu nacional, um museu nosso, feito por nós e para todos nós, porque nos compromete a todos, porque nos responsabiliza a todos. Nacional porque cada um, como cada um dos presos durante todo o tempo que por aqui passaram, aqui e nas outras prisões de um regime ignóbil, que ignorou, maltratou e não defendeu os seus, seja não um lugar de peregrinação, mas de aprendizagem, de comunidade e de lição.

Um lugar de conhecimento e, justamente por isso, um lugar de Liberdade, numa terra maior, que é a vossa, que é a nossa, que é Peniche. Que é terra de resistência e de Liberdade.

Aos 2510 nomes e a todos os que lutaram e resistiram, devemos a liberdade e a resiliência. O exemplo do combate às adversidades, à defesa dos ideais e à construção de um sonho. Devemos-lhes a herança que nos cabe honrar.

Devemos-lhes a nossa democracia e, por isso, devemos-lhes não só uma memória perene, mas a alegria que hoje, em festa, pretendemos traduzir. A democracia é também isso, vive, alimenta-se e renova-se também com isso, com a nossa capacidade de a festejarmos e a vivermos com a memória do passado sempre presente, mas também com alegria.

Porque um país é sempre vários países e vários rostos, os homens e as mulheres que fazem a história contemporânea desta prisão foram e serão sempre Portugal.

Os 2510 nomes que escrevemos na parede são 2510 nomes multiplicados por cada um de nós. Devemos-lhes o direito a serem nomeados um a um, porque um a um fizeram com que pudéssemos estar aqui hoje.

Viva o 25 de abril. Viva o 27 de abril. Viva a Liberdade!

Graça Fonseca

27 abril, 2019